

Lima Barreto na rota de colisão: rupturas e violações do literário e suas projeções no contemporâneo

Lima Barreto in the Collision Course: Literary Breakups and Violation and its Contemporary Projections

Cinthia Mara Cecato da Silva*
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

423

Deneval Siqueira de Azevedo Filho*
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

RESUMO: Este texto tem como proposta argumentativa a relação do escritor Lima Barreto com a literatura que utiliza como matéria-prima os vilipendiados da sociedade. Seus escritos anteciparam as mudanças dos valores que balizaram a prática literária durante um longo período e ajudam a ilustrar com propriedade o rompimento da fronteira que delimita espaços, engessando a arte literária, que pretende ser aberta e libertária. Por um viés comparativo, os pressupostos teóricos aventados por Antonio Candido e Regina Dalcastagnè especularizam questões como autoria, autenticidade, autoridade e o papel do escritor nas questões relacionadas à subalternidade. Para tal proposta, há uma aproximação com o conceito de identidade discutido por Stuart Hall e Homi K. Bhabha que dá ênfase ao aspecto social do sujeito. Tais contingências procuraram expor o quanto prerrogativas barretianas anteciparam a inserção do periférico - aqui, especialmente, o louco - no processo de dinamização literária, tão pertinente ao quadrante moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto. Subalternidade. Identidade.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

* Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas.

ABSTRACT: This paper has proposed argumentative as the relationship of the writer Lima Barreto with the literature that uses feedstock vilified the society. His writings anticipated the changes in the values that guided the literary practice over a long period and help to illustrate with the breakup of literary property boundary delimiting spaces, plastering literary art that aims to be open and libertarian. For a comparative bias, the theoretical assumptions bandied by Antonio Candido and Regina Dalcastagnè especularizam issues such as authorship, authenticity, authority, and the role of the writer on issues related to subordination. For this proposal, there is an approach to the concept of identity discussed by Stuart Hall and Homi K. Bhabha that emphasizes the social aspect of the subject. Such contingencies sought to expose how prerogatives barretianas anticipated inserting the device - here especially the crazy - in the process of literary dynamics, as pertinent to modern quadrant.

KEYWORDS: Lima Barreto. Subordination. Identity.

Quase sempre, expropriado na vida econômica e social, ao integrante do grupo marginalizado lhe é roubada, ainda, a possibilidade de falar de si e do mundo ao seu redor.

Regina Dalcastagnè

Como pensar a Literatura hoje? Quais parâmetros devem ser considerados para atribuir-lhe “valor”? Um autor pode, mesmo que ficcionalmente, falar pelo outro com autenticidade? Surgem, neste caso, caminhos para reflexões e não dúvidas sobre o que deve ser concebido como certo ou errado. Uma das hipóteses a ser considerada é a de que urge haver um “desencastelamento” da criação literária, sendo necessário trazê-la para uma arena de discussões, onde existam vozes que possam ser ouvidas sem os resquícios de preconceito que ainda insistem em permanecer nos meios sociais. Surgindo em contextos relacionados à etnia, ao gênero e à classe social, trazem prerrogativas que ajudam cancelar - se isso se torna mesmo imprescindível - a escrita funcional de quem revela aquilo que experiencia, quer com a alcunha de testemunho, quer com a nomenclatura de arte ficcional.

Para tanto, pautou-se como ponto de reflexão, além das contribuições formuladas sobre autoria, autenticidade, legitimidade e o papel do escritor

por Antonio Candido e Regina Dalcastagnè, o resgate de alguns aspectos da obra de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) e seu repertório acerca do lugar das vozes representativas do subalterno na Literatura. Perpassando o conceito de identidade oferecido por Stuart Hall e a análise das relações sociais de Homi K. Bhabha, o texto se propõe a analisar como o legado barretiano antecipou a discussão fomentada quando em pauta o periférico, o subalterno, trazendo nuances que servem para mostrar o quão visionário foi o autor, ao possibilitar aos excluídos espaço privilegiado na arte literária.

Acerca do que se propõe este estudo - o espaço do subalterno na Literatura - muito contribuem Antonio Candido¹ e Regina Dalcastagnè² para um entendimento mais profícuo sobre a matéria ficcional e suas relações com a marginalidade. Embora as abordagens tenham uma gênese distinta, elas se interrelacionam criando uma estrutura bem específica das configurações a que uma obra está sujeita, avaliando conceitos numa perspectiva crítica e, de certa forma, bastante produtiva para os Estudos Literários na contemporaneidade.

A intersecção dessas leituras aponta para certo dinamismo que precede a produção da Literatura, perpassando a relação autor, público e obra - não necessariamente obedecendo aos efeitos dessa ordem. A mudança de foco, analisada sob um prisma histórico, evidencia paradigmas, visto que há uma amplitude de temáticas na produção literária. Dentro dessa hipótese, são inclusas considerações que transbordam conceitos antes tidos como unívocos e unilaterais. Em relação a essa hipótese, torna-se possível incluir menções referentes à obra *Diário do Hospício* (2010), de Lima Barreto, que narra, de forma diarística, suas observações sobre o hospício e como ditos “loucos” eram tratados pela sociedade do século XX.

¹ Todas as referências atribuídas a Antonio Candido são projeções feitas a partir da leitura de Antonio Candido, *Literatura e sociedade* (2006).

² As referências deste texto são provenientes da leitura da obra de Regina Dalcastagnè, *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012, p. 20-21) - exceto aquelas a que se fizer uma referência específica.

O *Diário do hospício* é o resultado dos registros construídos pelo autor, entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, no Hospício Nacional dos Alienados, na Praia Vermelha, onde permaneceu internado. O texto é o molde do que será projetado em *O cemitério dos vivos* (2010), cuja personagem principal, Vicente Mascarenhas, coincide com um interno num asilo para loucos. Tal configuração torna-se interessante, pois permite sobremaneira para a investigação tanto de questões de cunho estético, como a hibridização dos gêneros - diário e romance - e também, sobre o louco e sua condição de extirpado social. A posição investigativa do autor revela o quão crítico é o seu olhar quanto à realidade do hospício e o tratamento recebido pelos internos daquela instituição. Em uma gama de trechos pode-se observar o predomínio da narrativa descritiva, evidenciando sua visão indignada acerca do julgamento sobre a sanidade e a loucura. Com seu posicionamento, expande e divulga o que há por trás das paredes de um asilo psiquiátrico, dando voz a esses excluídos silenciados pelo sistema que vigia nos idos do Rio de Janeiro no início do século vinte. Esse posicionamento, então, ratifica as considerações de que esse autor já buscava inserir no literário personagens invisíveis socialmente, inclusive por seus pares. Sobre a estada no inferno psiquiátrico, declara o hóspede:

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres de nossa gente pobre. [...] No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social (BARRETO, 2010, p. 48).

Seu internamento possibilitou experiências suficientes para analisar o contexto de vivências e registrar suas impressões fundamentadas na inconformidade de sua voz diante do mundo e de como os “loucos” eram ali tratados. Consegue, com isso, revelar pelos seus registros as nuances que protagonizaram o cenário onde o conceito de loucura ultrapassava a questão física e psíquica. “Louco” era uma classe que se compunha por pobres,

alcoólatras, enfim, por a-sociais; pessoas que não tinham seu enquadramento nas regras impostas.

Dessa forma, neste estudo, são expostas questões relativas à autenticidade - na acepção de autoridade -, legitimidade, representatividade, escritor, público, o lugar do outro, são colocadas em pauta a fim de provocar discussões que contribuam para autenticar o papel a que a Literatura está relacionada dentro do enquadramento social, como se pode exemplificar com a obra de Lima Barreto. Candido observa que a arte literária não pode ser somente uma descrição dos modos de vida de uma sociedade ou um ordenamento de vertente política ou social. Ela, em sua visão, deve ser arte que reflete tanto os aspectos de uma realidade como a sedução dos que a rodeiam, apresentando, para isso, concepções de mundo em formações diversas. Constata-se nas leituras que, além disso, existe nas entrelinhas da tessitura certo talento que precede a ficção, endossando o papel social que o autor-criador “deve assumir” amparado em suas percepções, ou seja, sua autonomia subjetiva.

Candido, em sua obra *Literatura e sociedade* (2006), apresenta pontos específicos que ditam a importância da sociologia para a análise da criação literária. De forma flagrante, expõe reflexões que ressignificam a Literatura, promovendo um intercâmbio entre ela e a sociedade, pondo em foco aspectos que direcionam para o espaço onde o cultural se impõe. Derruba determinismos que apregoam que “quem dá a obra é o meio e a raça” e pauta o campo sociológico como imprescindível para a compreensão da vida em sociedade, não como justificativa ou explicação do que se encontra no cerne de uma obra classificada como literária.

Observa-se que o texto literário não é deslocado do real, mas uma representação metafórica, parabólica das vivências. A obra de arte, por meio de um autor-mediador, capta estímulos da sociedade e esta, por sua vez, durante o momento de fruição do texto, os absorve dando-lhes um novo

sentido. Nessa relação, não há limites, mas uma busca que ultrapassa a tênue fronteira entre o real e o ficcional. Como atesta o crítico em estudo, a obra acaba no momento em que repercute e atua, importando nessa linha de reflexões o seu efeito.

Talvez o adjetivo que melhor traduza o papel social que a literatura/autor deve preconizar, dentro de uma ressonância moderna mais viva, é o de arte libertária. Seguindo a ideologia desse pensamento - a literatura como libertária, Regina Dalcastagnè anuncia da forma mais prática e atual o que Antonio Candido teorizou como fenômenos sociais: a integração e a diferenciação. Saltando dos valores comuns na sociedade traduzidos pelo termo integração, a pesquisadora, de forma acentuada, trata as particularidades, as diversidades existentes nas relações sociais. É dela a assertiva: “Mesmo que outros possam ser sensíveis e solidários a seus problemas, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 20).

Essa tópica pavimenta uma via privilegiada para as reflexões aqui fomentadas. Em referência aos escritos da autora sobre “O lugar da fala” e também “Autoria e resistência”, emanam profícuas considerações para quem quer pensar a Literatura neste início de século. Do timbre do texto ecoam pontos que revelam a predominância da falta de espaço para a voz dos marginalizados e que esta foi sempre censurada pela cultura dominante. Constata-se a existência de uma limitação de perspectiva, pois há uma ausência quase absoluta de representantes das classes populares e os dela excluídos. A partir do desenho desse quadro, levanta-se a hipótese de que seria salutar a democratização no processo de produção e sua ocorrência traria para o espaço literário o termo diversidade, que em sua própria gênese faz-se aberto, amplo. Essas percepções já figuravam na obra do autor de *Diário do hospício*, o que, nesse caso, endossa as associações aqui discutidas.

O livro, ambientado no contexto do hospício e tendo como projeções do enredo a temática da loucura, se faz sedutor em sua gênese. Além desse fator e do ambiente psiquiátrico em que foi produzida, há o registro histórico da rotina do manicômio que torna evidente a também função documental da obra. Todavia, o que sobressai, na verdade, é a inquietação derivada de seu testemunho. Observa-se mais do que uma visão pessoal da loucura. Tem-se uma história de resistência, com evidente intenção estética, apresentando o “louco” inserido em um plano estético permeado por um discurso que é construído por um código sobre as influências da desordem na própria literatura. Elencando-as, podemos destacar a percepção de uma linearidade rompida, uma fragmentação da narrativa, uso de informações sobrepostas e a percepção de paradoxos. Havia em seus registros de diário um projeto estético de um romance que pudesse revelar suas inconformidades quanto ao trato dos ditos “loucos”. De suas vivências, vem a reflexão:

Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se pode perceber entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças; há loucos só (BARRETO, 2010, p. 67).

Essa percepção registrada no *Diário do hospício* permite vislumbrar que a utilização da palavra, dadas as condições sociais de quem ela se refere - o louco - ganha repercussão ainda maior, fortalecendo a ideia de que a Literatura pode ser a voz do não instituído, do não aceito, do que não é visto, por variadas razões, como normal. Sobre essa contradição percebida por Lima Barreto, postula Kênia Maria de Almeida Pereira:

Mesmo diante de cenários desfavoráveis à expressão autêntica da arte, o poeta resiste. O poeta escreve. O poeta critica e zomba dessa mesma sociedade que lhe é hostil. O poeta desnuda as instituições falidas e deterioradas. O poeta incomoda, ora revolvendo o lixo social ora escancarando, nos livros e nos palcos, os desejos mais inconfessáveis da condição humana (PEREIRA, 1998, p. 34).

Dando ênfase a essa constatação - o autor como mediador da classe excluída - , os argumentos de Dalcastagnè discorrem sobre questões marginais e dão ênfase à importância da abertura do espaço que traz de forma positiva uma maior representatividade das camadas populares e dos excluídos. Com Maria Carolina de Jesus, Paulo Lins, Dalton Trevisan, Ferréz e outros³, há o (re)início de um processo - uma vez que há fortes indícios desse uso na escritura barretiana.

A *performance* da voz marginal na literatura que abarca essas constatações tem como veio a subjetividade advinda de um contexto sócio-histórico. Tendo como matéria-prima inicial os porões, se propaga e toma forma, desafiando os padrões literários canônicos ao apresentar novas temáticas e personagens que não se relacionam aos estereótipos eleitos como representativos da ficção por uma crítica engessada. Contudo, essa representação agride o interlocutor porque ocasiona um distanciamento ao aproximar do real o conjunto de perspectivas sociais que mesclam violência, morte, loucura, fome e outros. Toda essa discussão possibilita o início de mais algumas reflexões que trazem para a arena crítica a totalidade da obra de Lima Barreto.

Desde o início do século XX, ele já concebia que o campo literário brasileiro era um espaço de exclusão, tanto na acepção da etnia, quanto na percepção de uma literatura circunscrita em um campo de regras invioláveis, padrões imutáveis. Pobre, negro, periférico, assim como Maria Carolina de Jesus, também buscou reconhecimento como escritor. A época de suas tentativas, outrossim, contextualizava vertentes intransponíveis de preconceitos e aforismos sociais, repleta de nuances que se tornaram um embate para sua legitimação como autor. Dalcastagnè acrescenta acerca do autor que aceita o desafio das representações sociais:

³ Conforme pesquisas realizadas por Regina Dalcastagnè, e registradas em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, já citado.

Ao manusear as representações sociais, o autor pode, de forma esquemática: (a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; (b) descrever essas representações, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento - mostrando que nossa adesão, ou nossa recusa, que nossa reação diante dessas representações nos implica, uma vez que fala sobre o modo como vemos o mundo, e nos vemos nele, sobre como se dá nossa intervenção na realidade, e as conseqüências de nossos atos (DALCASTAGNÉ, 2007, p. 19).

Propor considerações acerca da produção literária de Lima Barreto relacionadas aos escritos marginais ajuda a perceber a importância de seu legado para as projeções que este tema pode alcançar. Revisitar suas obras, assim como o *Diário do Hospício*, permite aos interlocutores reconhecerem mais que um projeto literário, a voz que ali ecoa é proferida com tal propriedade que não deixa dúvidas de que o espaço do marginal é matéria-prima de qualidade para a arte em suas possíveis formatações.

Avaliada severamente pela crítica literária desde as primeiras publicações, a obra de Lima Barreto é um típico exemplo de produto artístico que resiste ao tempo e às suas primeiras leituras, tornando-se, gradativamente, mais reveladora e produtora de novos sentidos à medida que essas impressões iniciais, frequentemente imediatistas e superficiais, passam a serem revistas. A imagem do boêmio intelectual, às voltas com os problemas familiares preponderou em sua fase produtiva, arrastando-se durante décadas, acarretando amarguras por uma sociedade preconceituosa e excludente em virtude de sua cor e de sua situação financeira. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, pôde-se assinalar o surgimento de estudos que buscam rever essas primeiras conclusões.

Sobressai aos infortúnios e às críticas que se limitaram a julgar a produção barretiana embasadas em critérios provindos do estilo acadêmico dominante na época, entre outras considerações depreciativas, a ressignificação do legado de uma produção que, dialeticamente, atribui um novo sentido às questões ligadas ao social por meio da Literatura. O reconhecimento póstumo

e, talvez, tardio, traz à tona, como resposta, as considerações resultantes da observação de um projeto artístico elaborado consciente e permanentemente pelo autor durante a sua trajetória produtiva, revelando a presença de recursos estéticos cuidadosamente manipulados que só podem ser constatados a partir de leituras aprofundadas de seus textos. Uma revisitação crítica, então, permite questionar o consenso anterior que rotulava a obra de Lima Barreto como sendo fruto de uma expressão espontânea e descuidada, cujos méritos limitavam-se à escolha dos temas que se constituíam em relevantes documentos da época - como a interessante representação do Rio de Janeiro da *Belle Époque* sob o olhar crítico do autor.

Retifica a instância de literatura menor vinculada aos textos barretianos o elemento social. Preponderantemente focado pela crítica ao longo das primeiras décadas da publicação da obra de Lima Barreto, essa temática já se apresentava como fator da sua própria construção artística, compondo o seu fazer estético. Nessa figuração, emana da produção do autor a interpenetração dos fatores externos e internos que, de certa forma, dão consistência à sua literatura, ao seu estilo literário, uma vez que as metas do seu texto “[...] transcendiam a sua textura literária em direção a transformação das crenças e costumes e do desencadeamento dos fatos de ação” (SEVCENKO, 1997, p. 321).

Pensar na produção literária de Lima Barreto significa refletir sobre um amplo campo temático⁴ que se congrega numa trama de relações entre realidade, história e ficção. Uma das estratégias utilizadas pelo escritor para validar as representações de sua classe dentro do campo literário brasileiro é a galeria de personagens que usava em seus escritos. Eles provinham do subúrbio e, de

⁴ O temário da obra de Lima Barreto inclui: movimentos, históricos, relações sociais e raciais, transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, ideais sociais, políticos e econômicos, crítica social, moral e cultural, discussões filosóficas e científicas, referências ao presente imediato, recente e ao futuro próximo, ao cotidiano urbano e suburbano, à política nacional e internacional, à burocracia, dados biográficos, realidade do sertão, descrições geológicas e geográficas (fragmentos) e análises históricas (SEVCENKO, 1989, p. 162).

alguma forma, chocavam os leitores não com essa nova inserção. Eram as minorias assoladas pelo sistema político-social em voga, formando um conjunto de vozes que, mesmo desafinadas em relação ao discurso canônico, são trajetórias sociais em que o escritor do subúrbio inspirou-se para escrever representações narrativas, revelando suas perspectivas literárias na busca de outros padrões estéticos. Conforme Nicolau Sevcenko, essa galeria é uma das mais vastas e variadas da Literatura Brasileira,

[...] compondo-a encontram-se: burocratas, apaniguados, padrinhos, 'influências', grandes, médios e pequenos burgueses, arrivistas, charlatães, 'almofadinhas', 'melindrosas', aristocratas, militares, populares, gente dos subúrbios, operários, artesãos, caixeiros, subempregados, desempregados, violeiros, vadios, mendigos, mandriões, ébrios, capangas, cabos eleitorais, capoeiras, prostitutas, policiais, intelectuais, jornalistas, bacharéis, ex-escravos, agregados, criados, políticos, sertanejos, moças casadeiras, noivas, solteironas, recém-casadas, mulheres arrimo da família, crianças, casais, *loucos*, tuberculosos, leprosos, criminosos, adúlteros, uxoricidas, agitadores, estrangeiros, usuários, mascates, grandes e pequenos comerciantes, atravessadores, banqueiros, desportistas, artistas de teatro, cançonetistas, coristas e alcoviteiras (1989, p. 162, grifo meu).

O pensamento defendido pelo autor é de que o destino da Literatura é tornar sensível a arte, estendendo esse grande ideal de poucos a muitos ainda marginalizados. Em linhas gerais, a diretriz que norteia o projeto literário de Lima Barreto entende o texto literário como comunicação participativa apresentada num complexo relacionamento dialógico entre a concepção autoral, a obra, o seu tempo histórico e os seus possíveis públicos leitores. Essas instâncias da representação literária que aparecem em seus textos são fundamentais para que se possa compor um acervo a fim de interpretá-lo mediante as contribuições do sentido sócio-cultural⁵.

⁵ Conforme concepção de Roger Chartier exposta em *A História Cultural: entre as práticas e representações* (1990, p. 13-15).

Com esse caráter, revela seu enorme valor literário/cultural ao abrir espaços para outros entendimentos da configuração social na Primeira República, expondo faces de um contexto marcado pela necessidade presente das elites em excluir um enorme contingente de “não-cidadãos” do cenário político e social. E são essas personagens vitimadas pela exclusão, ausentes da Literatura e da História oficial brasileira, que o literato, por meio de uma escrita polêmica e inovadora, quis tornar visíveis.

Nos textos de Lima Barreto pode-se perceber, nitidamente, o quanto os aspectos antecipador e modernizante estão presentes em sua literatura, denunciando que o exercício da cidadania teve espaço reduzido com a implantação do regime republicano. No que tange a essa percepção, Beatriz Resende afirma com sua pesquisa que “[...] só o futuro poderia comprovar a importância do alerta que Lima Barreto intuía, não contra a modernidade, mas a favor de uma visão de modernidade que contemplasse as razões do homem comum” (RESENDE, 1993, p. 50).

O espaço permeado pela intelectualidade nos anos finais do século XIX e nos iniciais do século XX - espaço este transitado por Lima Barreto - expõe como marca um par de ideologias presentes tanto na produção artística quanto no julgamento dela. Ladeados, caminham os jurados, representantes de uma plasticidade herdada do século anterior, e o articulista, combatente da linearidade literária e também social. Nesse contexto, ao se fazer uma breve revisão crítica das análises contemporâneas sobre a produção literária de Lima Barreto, destaca-se uma escrita que parece representar, em termos de literatura, uma visão dissonante e opositora ao modelo oficial recorrente entre os intelectuais e os jornalistas de sua época. Como sintetiza Antonio Arnoni Prado,

[...] seus escritos despontam num período marcado pelo confronto entre a emergência de um novo estilo e as imposições concretas de uma realidade que não podia ser vista a partir da ótica dos velhos modelos. [...] da aproximação entre a deformação retórica e o artificialismo ideológico nasce a opção de fugir à literatura dos

literatos solenes e respeitados, assim como o desejo de destruir o universo em que eles se moviam (1989, p. 14).

Apesar de todos os infortúnios vinculados ao escritor e à sua obra, vislumbra-se um ponto positivo diante de tantos malogros. Florescida às margens da oficialidade, a literatura proposta pelo autor em questão não era condicionada ao poder, não tinha vínculos que a obrigassem a seguir nenhum parâmetro. Em consequência disso, pôde, com independência, trilhar um caminho livre, sem entraves que a impedissem de visualizar e criticar os desmandos de uma elite que buscava ofuscar a verdade e praticar o seu verdadeiro papel como detentora do poder e dinamizadora de uma proposta democrática. Corroborando com essas declarações, Denilson Botelho atesta que

A liberdade e a independência são marcas registradas do pensamento político de Lima Barreto. Recusando rótulos, partidos, associações e vinculações de qualquer ordem, o escritor move-se em meio a possíveis contradições e dispõe-se a obedecer cegamente apenas às suas idéias, à sua maneira de ver e compreender o mundo e ao seu bom senso (2002, p. 133).

Na verdade, ele estava sujeito às contradições de sua época. Construir-se-ia uma apologia descabida do romancista se fosse concebido como isento de qualquer falha. No entanto, possuía um espírito eclético e, apesar de ser um intelectual progressista simpatizante do marxismo e do anarquismo, não se submetia a nenhuma imposição. A razão de seu afastamento dos círculos literários consagrados não se deu apenas por ser mulato, mas, sobretudo, por afrontar o sistema e recusar-se a adular os mandarins. De qualquer modo, Lima Barreto estava um passo à frente do seu tempo. Poucos escritores tiveram a perspicácia do seu olhar para o Brasil revelando toda sorte de mazelas que afligiu os desvalidos e suplantou mitos erigidos pela classe dominante.

Ao aproximar-se das discussões que pautam a literatura que se vincula aos grupos minoritários vem à tona a relação pungente entre os estudos literários

e a construção da identidade, que sob a ótica dos excluídos reveste-se de um novo conceito. Ao reconhecer o vínculo existente entre Literatura e identidade, Zilá Bernard ratifica a importância do debate que se instaura, acenando para os ganhos que essa reformulação pode possibilitar:

O conceito de identidade torna-se recorrente no domínio dos estudos literários a partir do momento em que as literaturas minorizadas no interior dos campos literários hegemônicos recusam a classificação de literaturas periféricas, conexas e marginais e reivindicam um estatuto autônomo no interior do campo instituído (1992, p. 15)

A edificação desse estatuto é a esteira que irá dar acesso aos espaços negados pelas ideias de hegemonia arraigadas em nossa sociedade. Nessa perspectiva, a afirmação da identidade é uma forma de reclamar direitos. Ao mesmo tempo, pensar no conceito de identidade é algo que se torna relativo, de definição complexa. Para alguns autores, não existe uma identidade pronta, acabada, e sim uma identidade a ser construída. Na definição de Hall (2001, p. 38), ela é socialmente construída: “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo de ‘imaginário’, fantasiado em sua unidade”.

Vista sob esse quadrante, a identidade tem sua formatação nos entrecosques das relações sociais. Assim, para uma compreensão da identidade, é necessário o conhecimento do sujeito que, na modernidade tardia ou “pós-modernidade” vive um processo de fragmentação. Hall destaca essa hipótese quando afirma que “[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2001, p. 12).

Ainda sob o ponto de vista do teórico cultural jamaicano, a identidade é definida historicamente, e não biologicamente: “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao

redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2001, p. 13). Nessa etapa da reflexão surge um embate em relação ao sujeito, uma vez que a identidade pode mudar ao longo do tempo, mas o mesmo sujeito não ocupa épocas diferentes, ele assume posicionamentos diferentes em espaços e momentos distintos. Assim, um mesmo sujeito pode apresentar formas diferenciadas de identidade, conforme a posição que ele ocupa. Homi K. Bhabha, em *O local da Cultura*, afirma que

A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica (1998, p. 20).

Nessa gama de transformações a que o mundo está sujeito, tem a Literatura aberto espaço para que hibridismos culturais, distantes da tradição, evidenciem questões inerentes à representação da diferença como algo para além de normativas estabelecidas por grupos sociais em determinados momentos históricos. Dessa forma, a manifestação da afirmação da identidade tem-se mostrado por vias étnicas, por pertencimento a grupos geopolíticos e também por grupos ideológicos que se pulverizam nas camadas sociais sob as mais diversas nomenclaturas. Bhabha sinaliza essa mudança de paradigma.

Como a classe não mais oferecia um porto seguro para reivindicações discrepantes e difusas, o descontentamento social dissolveu-se num número indefinido de ressentimentos de grupos ou categorias, cada qual procurando a sua âncora social. Gênero, raça e heranças coloniais comuns parecem ser os mais seguros e promissores (BHABHA, 1998, p. 20).

E ainda:

O afastamento das singularidades de classe ou gênero como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito - de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual - que

habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno (BHABHA, 1998, p. 20).

Quase um século antes de Bhabha, Lima Barreto tornara-se, de forma visionária, o portador de uma produção literária que dava ênfase à identificação a partir do pertencimento a um grupo étnico, ligado à arena cultural do povo brasileiro, como já exposto neste texto. O literato não se prendia a um grupo em especial, a uma individualidade, antes preferia se filiar a uma instância maior, num movimento que vai do individual ao coletivo, do pessoal ao universal, sinalizando para uma tendência atual.

Atesta Zilá Bernd que “[...] a construção da identidade é indissociável da narrativa e, conseqüentemente, da literatura” (2013, p. 19). Observa-se aqui um ponto nevrálgico entre a teoria proposta pelos Estudos Culturais e a Literatura. Na verdade, os Estudos Culturais elucidam de forma teórica o que as narrativas literárias se propõem a fazer: construir identidades. Daí destacar-se a importância da análise de narrativas literárias para a compreensão da identidade.

No que tange ao aspecto da miscigenação, de forma contrária à visão da ciência, que atribuía os males e o atraso do Brasil ao fato de ser um país miscigenado, Lima Barreto apresenta-se simpático à ideia de sermos um povo formado por vários matizes: “Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafusos e seus ‘galegos’ também” (BARRETO, 2001, p. 575). Nicolau Sevckenko em seus estudos corrobora com essa assertiva quando indica que

Lima concebia a sociedade brasileira como o fruto da combinação de diferentes etnias e que, em virtude mesmo dessa mestiçagem, havia atingido um grau elevado de intimidade e adaptação à natureza tropical e virente do país. Abominava por isso a preocupação obsessiva das elites locais em transmitir a imagem de uma nação branca e ‘civilizada’ para os representantes, visitantes e mesmo para o público europeu, assim como a perspectiva pela qual este encarava o país, através da lente do exótico e do pitoresco, perspectiva essa que, como se não bastasse, era incorporada pela sociedade seleta da capital da República (1989, p. 210).

Com seu histórico e suas proposições ousa-se indicar Lima Barreto como um escritor de resistência. Embora o termo literatura de resistência, enquanto teoria, só apareça no período pós 1930, pode-se perceber que o escritor carioca produz sua literatura, na perspectiva de resistência colocada por Bosi (1992, p. 13): “a) a resistência se dá como tema; b) a resistência se dá como processo inerente à escrita”. Enquanto tema, a obra barretiana reveste-se, como já se observou, de um temário variado, mas retratando principalmente o drama dos excluídos - aqui, o “louco” - e resistindo à cultura eurocêntrica, branca, elitista e dominante.

Mesmo em um ambiente literário marcado por uma disciplina retórica de estilo, há, além das permanências, transformações emergentes, fruto da pluridiscursividade do contexto, portadora de traços literários dissonantes e ao mesmo tempo renovadores. Lima Barreto, “[...] um dos poucos escritores que entre nós compreenderam verdadeiramente seu país [...]” (PRADO JÚNIOR, 1997, p. 436) surge, então, como um dos representantes de um novo ímpeto que transfigura as tensões sociais protagonizadas pela sociedade da época. Ao usar um código social e linguístico de caráter misto, enquadrando-se entre o polido e o popular, faz emergir sujeitos, expressões e discussões antes esquecidos, desconsiderados, obscurecidos e emudecidos.

O autor inaugurou, então, um estilo de aproximação que procurava revelar as nuances da história daqueles que não eram devidamente enxergados pelos setores sociais, cujo poder era de interferência e de mudança. Agindo de maneira singular - tal como um desbravador - amplia um leque de possibilidades para seus seguidores. Zélia Nolasco Freire expõe essa atitude revestida de coragem e ousadia quando enquadra a voz do mulato escritor como a “[...] voz inaugural a libertar a linguagem das lides afrancesadas do ‘terceiro-império’, imprimindo-lhe caldo de nacionalidade, impingindo-lhe alma e pulsação cotidiana [...]” (2005, p. 18).

Enquanto intelectual, Lima Barreto “[...] teve como afã absorvente a crítica social” (2004, p. 28). Embora incisiva, sua produção literária foi tratada com responsabilidade, principalmente no que tange à ampliação do nível de entendimento da realidade a ser significada pelos seus leitores. Trouxe para perto de uma população marginalizada, por meio de uma linguagem menos rebuscada, uma literatura que expunha temas de cunho social, em que estavam inseridos como sujeitos históricos seus próprios interlocutores. O que se percebe, dentro de suas projeções literárias, é uma arte que intenta transformar o pensamento em sentimento, tornando-o assimilável ao leitor, e, nesse ideário, seu argumento literário justifica-se, pois “[...] a arte como a literatura funcionam em Lima Barreto como um espelho revelador através do qual a obra do artista, ou do poeta, refletindo a natureza do todo, contribuem para que a vida em sociedade se aprimore e harmonize” (PRADO, 1989, p. 72).

O autor deixou explícito aos seus contemporâneos e à posteridade sua concepção de ideal para a Literatura Brasileira. Na análise de suas obras, pôde ser observado o seu projeto literário “estampado” no seu livro *Impressões de Leitura*. O livro apresenta características estéticas imprescindíveis apontadas pelo autor, destacando-se independência, imaginação, invenção e, ao mesmo tempo, sinceridade, militância, solidariedade, interesse pela atualidade, sentimento da cidade, justiça, clareza, naturalidade do diálogo, ênfase na alma humana e nos costumes, coerência com a realidade, ideia geral do mundo e do homem, além do desejo de que os fatos dissessem mais do que dizem. Em acréscimo, um toque de sedução artística, a fim de que a obra configurasse uma proposta a todos os seus interlocutores, sem jamais estragar “[...] a liturgia da criatividade” (LINS, 1997, p. 305).

Dentro desse propósito, o autor de *Clara dos Anjos* (1922) aproxima sua literatura ao cotidiano, fazendo com que participem da trama personagens de categorias sociais que ainda não haviam conquistado espaço nas obras

literárias, propiciando, então, uma identificação do público simples dos subúrbios com a obra. Esse aspecto vem ratificar que a abordagem marginal configurava o cerne de sua produção, antecipando o que a contemporaneidade vem discutindo e pesquisando como mote literário. A dor dos excluídos é percebida com sensibilidade pelo autor quando este admitia: “Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades.” (BARRETO, 1995, p. 89). O drama dos negros, recém-libertados, sem emprego e sem perspectivas de vida torna-se matéria-prima nas mãos do autor: Como asseverou Silva:

A gente humilde, pobre, mulatos, negros e brancos escravizados são a argila e as costelas das personagens que receberam o sopro da criação. Elas sobrevivem à degradação social, econômica e psicológica do embriagado Deus que os expulsou do inferno íntimo para o paraíso literário (1981, p. 99).

De vida econômica e social precária, o subalterno tem sua voz silenciada não podendo expor suas dores e o mundo que o circunscreve. Outros autores podem ter tido essa visão, mas a força da literatura barretiana vem do fato de o escritor ter suas vivências fincadas nesse chão. Regina Dalcastagnè, no artigo “A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea”, é esclarecedora nesse aspecto: “Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 21).

A galeria de personagens já exposta revela a concepção que o escritor tem da engrenagem social. Além de excluídas socialmente, elas são, de certa forma, marcadas pela angústia e dor universais. Imersos num contexto de coerção, discriminação e marginalização social, “[...] os personagens de Lima Barreto, sem exceção, ou representam as vítimas dessa estrutura plástica e

constringente, ou as formas de consciência e conduta de que ela se nutre” (SEVCENKO, 1989, p. 217).

Além de trazer para o bojo literário as personagens marginalizadas, o autor dá-lhes voz, permitindo que elas falem por meio de um narrador personagem, que é presença constante em seus textos. Outrossim, mais do que retratar a população subalterna da época, a arte barretiana passa a palavra àquele que se apresenta emudecido e excluído socialmente. Com essa prática, o literato toca no ponto nevrálgico da elite dos políticos emoldurados no poder republicano que objetivava vender uma imagem de país democrático e desenvolvido, escancarando os bastidores para mostrar aquilo que deveria ficar escondido, revelando toda a miséria dos subúrbios. Esse exercício é praticado por meio da linguagem, que tinha como intenção possibilitar voz aos desprovidos dela, como dispõe Zélia Nolasco Freire, no seu *Lima Barreto: imagem e linguagem*. Sua ousadia experimental confluiu para referendar o lugar do marginalizado na Literatura. Em sua ótica, a afirmação da identidade perfaz-se quando os direitos são reclamados e os espaços negados pela elite são ocupados, sendo fortalecida a prerrogativa de que na Literatura as diferenças evocam rupturas e violações, essenciais para dinamizar o processo de produção ficcional. Lima Barreto sabia disso.

Referências

BARRETO, Afonso Henriques de. *Diário do hospício; Cemitério dos vivos*. Organização e notas de Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BARRETO, Afonso Henriques de. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1995.

BARRETO, Afonso Henriques de. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. In: _____. *Prosa seleta*. Rio Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter um mito: o Rio de Janeiro e a militância libertária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Culturas, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre as práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo/Rio de Janeiro: Horizonte/UERJ, 2012.
- FREIRE, Zélia Nolasco. *Lima Barreto: imagem e linguagem*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LINS, Ronaldo Lima. O “destino errado” de Lima Barreto. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica e coordenação de Antônio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. São Paulo: Scipione Cultural, 1997.
- PEREIRA, Kênia Maria da Almeida. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o judeu*. São Paulo: Annablume, 1998.
- PRADO JÚNIOR, Caio. Lima Barreto sentiu o Brasil. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica e coordenação de Antônio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. São Paulo: Scipione Cultural, 1997.
- PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. Lima Barreto, a consciência sob assédio. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Edição crítica e

coordenação de Antônio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. São Paulo: Scipione Cultural, 1997.

SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto: escritor maldito*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Recebido em: 31 de julho de 2014.
Aprovado em: 23 de junho de 2015.